

IPIRANGA

ANNO I

Florianopolis, Março de 1915

N. 1

VOLTA...

Já lá se vão os trez meses de férias, alegres e risonhos, voando nas longas azas brancas do tempo. Bem que poderíamos cantar o verso d'ouro do poeta francez: J'ai plus de souvenirs que si jamais mille ans. Lá se vão os encantos da familia, phrases incoherentes dos irmãosinhos, as garrafiadas alheres do rapazelho alegre, lá da terra. As paginas dos livros abrem-se impassiveis, frias, com um risinho voltado para dentro, convidando a gente a se embrenhar n'aquelle labyrintho de caracteres negros, onde a sciencia do homem, trabalhos de muitos seculos, acha se expressa com clarividencia e certeza. Avante! Avante! e não esmoreçamos, o terreno ha de ceder, abalar, nada resiste à vontade, quando ella se retempera nas officinas dum caracter forte.

Suprimi, rasgae, o livro e resta a cadeia e a força. Peguemol-o, apertemol-o junto ao peito, que elle se faça nosso guia, nosso mestre.

«Les peuples ont les gouvernements qu'ils meritent» clamava o velho e sabio Thiers, da velha e sabia França. Sejamos forte, consientes, estudiosos, e, para o Brazil, e para Deus, a madrugada de amanhã será rosada, fresca toda manchada de sol.

Aos livros, e com alma!!

JUVENAL BATALHA

MORRER PELA PATRIA

O separar-se do mundo é um horror. Só o pensamento da morte faz gelar o mais puro sangue das mais robustas arterias. E' temor innato, invencivel, justificado. Rarissimas são as excepções, em que a morte é desprezada. O martyr christão despreza a dor e deixa sugar até a ultima gotta do sangue. Qual a cauza desta força, que affronta as grelhas e o cavalliete? É o amor para com Deus, a esperança d'um bem maior. Ha uma outra morte que é igualmente bella, nobre heroica. E' morrer pela patria. O soldado deixa os irmãos, paes, esposa e filhos, para combater as hostes adversas defender o solo sagrado, em que nasceu, em que vive, que repousam os restos mortaes de seus maiores. São factos que pasmam o juizo e commovem o coração.

Tra nos lagos azues entre as espessas selvas da valorosa Lithuania. Em 1830 milhares de joveus revoltaram-se contra as despoticas bayonetas moscovitas, Luiz Narbutt, chefe de uns quatrocentos joveus, combatera como um heróe, defendera se como um leão, contra as feras sequozas de sangue. Os heróes succumbiram, restavam ainda poucos; o ultimo que expirara foi o commandante. Com vinte feridas no peito, com o sorriso nos labios, entregou sua alma a Deus, pronunciando a sublime verdade: «Dulce et decorum est pro patria morri». Seu corpo repousa entre as selvas da patria e a

alma seguiu as dos companheiros nos paramos do merito e da gloria.

ESTANISLAU WOLSKI

— NO —

Gymnasio

Perfis

I

Gordo e corcunda, e por isso, pesado de corpo, é o nosso amigo.

Descuidado no traje, tendo sempre a gravata acima do collarinho, caminhando com passos barulhentos e vagarosos— assim anda elle.

Ha tempo, metteu-se-lhe na cabeça, a idéa de ser marítimo: armou um barco e, lá foi pescar.

Anteviu pescas fabulosas, e na verdade o resultado foi fabuloso em... baiacús.

Um bello dia, quero dizer, uma bella noite, roubaram-lhe o barco—quasi morreu de dor. Agora, para suavisar o seu pezar, toca trompa.

Tem nome de justo e martyr; comtudo, os seus planos tem soffrido a influencia da «urucubaca miuda».

II

Quando pequeno, o collega brincava com bonecas.

Hoje já é alto e mocinho, tem cabeça pequena (si bem que elle a chame a sua vasta intelligencia), rosto femil perfumado com «pó de arroz», traja costumadamente um pa-

Illusões

Vélas fugindo pelo mar em fôra
Vélas ! pontos depois... depois vasia
A curva azul do mar, onde sonora
Canta do vento a triste psalmodia.

Par em pândas e brancas .. Vem a aurora
E vem a noite após, muda e sombria
E se em porto distante, a frota ancora
E' pra partir de novo n'outro dia.

Assim as illusões. Chegam garbosas
Palpitam sonhos e desabrocham rosas
na esteira azul das pequeninas frotas.

Chegam, Arvoram n'alma um só momento
Logo, as vélas abrindo, amplas ao vento
Fôgem p'ra longicuas solidões remotas.

Medeiros e Albuquerque

letot curtinho e calsas «kaki»
Chamam lhe de «poeta» por
que aprecia as flores, principal-
mente a «violéta», e gosta dos
«rochedos».
E' muito chim-rico, ainda
assim, é um bom rapaz.

REPORTAGEM

Dizem, que a «trovoada sem
relampago» ficou damnado, por
chamar-se «Ipiranga», este
jornalsinho.

Admiro-me — e a primeira
vez que vejo «trovoada sem
relampagos, relampear.

o-o

Consta que «Saracura» será
nomeado Director do Hospi-
cio, tendo como secretario
«alguem» que, sendo meio louco
espancou, em pleno patêo com
sua cinta, um pseudo litterato

o-o

Sabemos que, alguém (não
queremos mencionar o nome),

além do cometer o feio acto
de jogar, fôge do salão por não
poder pagar a partida perca,
deixando assim aos vencedores
da mesma partida, a obrigação
de «vencer esta dificuldade
Cuidado!

o-o

Ha dias propalou-se na di-
visão, a noticia que este jornal
sinho chamar-se á Ipiranga,
e choveram as reclamações.

Estranhando esta aversão á
tao bello nome, fui curioso
informar-me e, vim a saber
que, justamente os mesmos
reclamantes, «stavam ainda em
atrazo com a contribuição da
extinta revista Ipiranga
Voilà «ou venaient leurs
craintes!

o-o

Alguem, que pela sua «pose»
parece que é um sabio mane-
jador da lingua vernacula e
que já engoliu toda a gram-
matica, estando um dia n'uma
rodaonde se discutiam questões

vernaculas, soltou arrogante
esta injuria á conjugação dos
verbos portuguezes: «eu truxe
na»... e não acabou, pois
a risada foi geral.

E' que tanta grammatica
fez lhe indegestão?

Reporter

Em uma pequena cidade alle-
mã, deu-se, ha pouco o osequin-
te facto: uma «troupe», de acto-
res viajantes, de passagem pela
cidade, annunciou com grande
alarido a representação da co-
médea: «Como se engana o mu-
ndo». Grande curiosidade no
publico, grande concurrencia
ao hotel, cujo salão mais vasto
fôra transformado em theatro.
Chega a hora marcada e no
palco não ha o menor signal de
movimento.

Passa meia hora... uma hora
e... nada. O publico já está im-
paciente e irado, quando um
empregado do hotel apparece
pallido de susto e participa aos
espectadores que os autôres fu-
giram, facilitados pela escuri-
dão da noite, levando o dinheiro
e deixando apenas um cartão
com estes dizeres: «Como se
enganao mundo!!

NUM EXAMF. DE

GEOGRAPHIA

Professor — Como é que gi-
ra a terra?

Alumno — Em torno de um
eixo imaginario, do occidente
para oriente.

Professor — e pode-se or
um chapeo nesse eixo?

Alumno — Pode, sim senhor.

Professor — Ora e se! por
um chapeo num eixo imaginario.

Alumno — Sim senhor; um
chapeo imaginario.

QUALE' A CAUSA DO SOMNO

A sciencia ainda está no terreno das hypotheses.

A mais acritavel é a que diz ser o somno o resultado d'um envenenamento causado pelos residuos do funcionamento dos nossos orgãos. Os bocejos e espreguiçamentos são, ja symptomas do envenenamento. Ha venenos chimicos que fazem dormir. Ha microbios que produzem venenos os quaes determinam o estado da somnolencia.

No estado de vigilia, accumula-se necessariamente no organismo alguma substancia narcotica que se elimina durante as horas do somno.

Sendo proporcionado a Diogenes visitar a casa luxuosamente mobiliada de um homem ordinario, pediram-lhe ahi que não cuspiisse sobre qualquer objectos que poderia assim prejudica. Diogenes cuspiu para a cara do dono da casa e perguntando-lhe alguém o motivo deste acto, respondeu: Eu senti vontade de cuspir e não havia outro sitio proprio.

Vendo Diogenes um libertino arruinado, reduzido a uma refeição de azeitonas, disse-lhe: Si tivesse jantado sempre dessa forma, não cearias agora assim.

Durante o julgamento de certo prisioneiro, o rei Filippe da Macedonia achava-se sofredor pela embriaguez, e para finalizar foi o condemnado accusado a morte.

Appello! exclamou o prisioneiro.

Para quem? perguntou Filippe, sacudindo o torpor. O prisioneiro respondeu:

Da parte de Filippe bebado para Filippe em seu juizo.

As tres coisas mais difficeis são: guardar os segredos, empregar bem o ocio, e supportar a injustiça

CHILON

Tendo Aristoteles de balde tentado obter a annuncia de Dionysio a um pedido, atirou-se por fim aos pés do tyrano, conseguindo por este meio o seu fim. Sendo-lhe censurado tão humilde procedimento replicou:

— A culpa não é minha, mas de Dionysio, que tem as orelhas nos pés.

Censurando alguém a Diogenes o seu mau procedimento anterior, elle respondeu:

— Sim, tempo houve em que me parecia contigo; mas nunca houve nem virá tempo em que te pareças comigo.

Disseram a Aristoteles que alguém falava mal delle na sua ausencia, e elle respondeu:

— Pode até bater-me... na minha ausencia.

Após a batalha de Issus, Dario da Persia offereceu a Alexandre Magno as maiores regalias, si elle consentisse em affastar-se da Persia. Parmenio, um dos seus generaes, disse:

— Fosse eu Alexandre, acceitaria.

Alexandre respondeu;

— Tambem eu, si fosse Parmenio.

Riscando

Impelidos pela força titanica das helices nos afastavamos da cidade de . . .

As ondas como caudas pomposas de vestidos principescos, baloiçavam, formando uma faixa espumante mal fugindo ao embate vigoroso das helices; e, simultaneamente, a silhueta da cidade surgiu e sumia até desaparecer no azul claro do horizonte.

A brisa sadia e pura, do puro e salitrado ar do mar, tocava-me levemente no rosto.

De quando em quando, se distinguia-se a bella gaivota, salpicando as vagas erguendo após o vôo ligeiro e baixo, entranhando-se perfim no espesso lençol de neblina; ainda algum barco com as velas soltas ao vento conuuzindo pescadores na sua rotina trabalhosa, bordejando o mar e desaparecendo emfim como os outros . . .

Entramos a barra.

Verdadeiro contraste que se vê na natureza: lá as ondas furiosas desencontradas, jogam-se umas sobre as outras, erguendo-se n'uma columna d'agua espumante, branca, muito branca; aqui os montes verdejantes e frescos, confundem-se uns nos outros, fazendo-se fortes mutuamente.

Si bem que oppostos à vista, não deixam estes panoramas de serem semelhantes ás impressões; ambas poeticas.

E como são bellos os contrastes na natureza!

O CHACAL E O LAGARTO

Uma noute um miseravel chacal semimorto, de fome, furejando pela aldeia, encontrou um par de sapatos no rego da rua. Eram demasiado duros para que elle os pudesse co-

mer, mas decidido tirar d'elles algum partido, pendurou-os ás orelhas como brincos e, indo para a beira do tanque, reuniu todos os velhos ossos que poudo encontrar e fez com elles um pedestal por meio de argamassa de lama.

Feito isto sentou-se nelle em attitude imponente e sempre que um animal vinha ao tanque matar a sede, gritava-lhe com voz forte: «Alto! para! não se pode beber uma gotta antes de me prestar homenagem. Repite pois estes versos que compuz para occasião:

De prata, ornado de ouro,
é o pedestal;

Tem nas orelhas brincos sem
igual;

E' pessoa real!

Como os animaes tinham muita sede e estavam com pressa de beber, não se dignavam discutir o assumpto e repetiam as palayras sem lhes ligar importancia. Até o tigre real, tomando a cousa por graça, repetiu os versos. Mas em consequencia disto o chacal foise inchando e chegou a crêr-se realmente uma personagem de grande importancia.

Ora um dia appareceu o lagarto arrastando-se negligentemente em direcção á agua, que até parecia mesm o um pequeno jacaré.

«Alto lá!» gritou o chacal. Não se bebe enquanto se não diz:

De prata, ornado de ouro,
é o pedestal;

Tem nas orelhas brincos sem
igual;

E' pessoa real!

«Pdi, puf, puf,» gossou o lagarto. Por amor de quem é, como eu tenho a garganta seca! Deive-me tomar um gole de agua primeiro e depois poderei dizer como se devem recitar os seus admiraveis versos. Agora estou rouco como um corvo.»

«Pois não!» replicou o chacal com um sorriso complacente. «Eu gabo-me de que os versos são bons, especialmente sendo bem recitados.»

O lagarto foi para o tanque e bebeu tanto, que o chacal comçou a pensar que que elle nunca mais acabava e estava já muito intrigado, até que elle, finalmente, acabou de beber e tomou o caminho de casa.

«Olá, olá,» gritou o chacal recuperando a sua presença de espirito; «para ahi e diga:

D.º prata, ornado de ouro,
é o pedestal.»

«Ai, senhor!» replicou o lagarto corozemente. «já me ia esquecendo! Vamos lá a ver se' preciso experimentar a voz primeiro: dó ré mi fá, sol lá si. está bem. Agora como são os versos?»

«De prata, ordenado de ouro,
é o pedestal;

Tem nas orelhas brin.ºs sem
igual;

E' pessoa real!»,

repetiu o chacal sem notar que o lagarto em cada vez pondo se' mais e mais ao largo

«Está bem,» replicou o lagarto. «Parece-me que eu já sei d'zel-os.»

E poz-se a cantar no seu diapasão mais alto:

«Ossos com lama fazem pedestal;

Por brincos, chancas trazidas d' um curral;

Não passa de um chacal!»,

E desandou a correr o mais depressa que pode para o seu buraco.

O chacal não podia acreditar em tanta ousadia e ficou como petrificado, por um momento; mas a colera apoderou-se d'elle e emprestou-lhe azas para voar no encaicho do lagarto, que despeito, das suas

pernas pequeninas e do seu pouco folego, dava ás de villa-diogo com toda a velocidade.

Os dous seguiam-se de perto; entretanto, exactamente no momento em que o lagarto entrou no buraco, o chacal apanhou-o pela ponta da cauda. Então é que foi puxar cada um para seu lado; o lagarto ja sentia a cauda quasi arrancada e o chacal que os dentes lhe sahia das gengivas.

Não obstante nem um nem outro ganhava vantagem e podia ter ficado naquella postura até hoje, si o lagarto com a sua mais mellicilla voz não tivesse dito ao chacal: «Amigo dou as mãos á palmatoria. Tenha a bondade de largar a ponta de minha cauda para que eu possa voltar e ir ao seu encontro.»

Ouvindo isto o chacal largou a presa, e a cauda do lagarto desapareceu no buraco em um esfregar de olhos. Só restava ao chacal cavar a terra até gastar as unhas, mas tudo que conseguiu foi ouvir o o lagarto sempre a cantar a meia voz

«Ossos com lama fazem pedestal;

Por brincos chancas trazidos de um curral;

Não passa de um chacal!»,

Flora Annie Steel

(Dos Contos do Punjab)

Na ultima hora notamos que escapou alguns pasteis que o leitor intelligente facilmente emendará.

Na segunda columna da primeira pagina onde está seleras... deve-se ler—selvas.